

Quando a educação ambiental não passa de um lixo!

Vândiner Ribeiro

Mestranda em Educação

vandiner@click21.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação UNISINOS, RS

Resumo

Este texto discute questões que levam ao reducionismo da educação ambiental (EA) a atividades pontuais, usualmente ligadas a prática da reciclagem. É corrente dizer-se que o mundo está passando por um momento de crise ambiental onde os humanos aparecem como responsáveis pela destruição do meio, principalmente pelo acúmulo de lixo. Questionamentos são levantados acerca das relações de poder exercidas numa sociedade neoliberal que incentiva o consumismo, este conseqüentemente gerando mais lixo. O texto problematiza o consumismo e as questões que perpassam a problemática da naturalização dos humanos como destruidores, suscitando a interrogação do quanto estes também podem ser vítimas do processo de descarte. Apresentam-se resultados de uma pesquisa que teve como intuito analisar como professoras e professores vêem a EA dentro da escola, que conhecimentos têm sobre o assunto, que atividades já desenvolveram. É analisada também, quais as contribuições que os livros didáticos trazem para essa temática, já que desde a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais esta se torna um tema transversal obrigatório. Destaca-se relevância a escola como espaço propício a resistências e a formações de agentes multiplicadores que podem atuar na melhoria da qualidade de vida da sociedade como um todo.

Palavras-chave: Educação ambiental // lixo // sociedade neoliberal

Abstract

In this text the problems leading to reduce the environmental education to specific activities, usually connected to recycling, are discussed. It is common to say that the world is in a time of environmental crisis where humans are responsible for environmental destruction, mainly by waste accumulation. Questions are raised about the power relationships in a neoliberal society which incentive consumism, which in turn produce more trash. The text contextualize the consumism and the problems that are involved in the issue of naturalization of humans as destructors, open a question regarding how much they can be victims of the discarding process. Results of a survey developed with the intention of analyze how teachers look at the environmental education in the school, what knowledge they have about this matter and what activities they developed. It is also analyzed what are the contribution of the didactic books to this issue, because since the release of the "Parâmetros Curriculares Nacionais" (National Curricular Parameters) this is an obligated transversal issue. The relevance of the school as an appropriate space for the resistance and formation of dispersal agents to act in the improvement of life quality of the whole community is highlighted.

Key words: Environmental education // trash // neoliberal society

Iniciando o texto...

Penso que posso começar este texto utilizando uma palavra bem lembrada pelo professor Attico Chassot, aqui mesmo na UNISINOS, no Fórum de Educação – Edição 2005/1, a neopatia; uma doença moderna que tem como principal sintoma ter sempre tudo novo, ou melhor, o mais recente lançamento comercial. E o que tem a Educação Ambiental –EA a ver com a neopatia, e mais ainda, com as Fronteiras do Humano? Passamos pelo chamado momento de “crise” ambiental onde a relação homem-natureza tem ficado cada dia mais fragilizada, pelas escolhas que o ser humano tem feito a respeito de como “utilizar” o meio que vive e os recursos naturais existentes nesse. A crise é “uma situação na qual os eventos desafiam o que quer que tenha passado por normalidade e as ações rotineiras não produzem mais os resultados com nos acostumamos no passado” (Bauman, 2000. p. 145). O consumismo desenfreado, que aliás, é sintoma da então chamada neopatia, nos aproxima das Fronteiras do Humano com o (des)humano, podendo desembocar numa doença ainda não adjetivada/nomeada que é a tentativa esquizofrênica de tornar reciclável tudo aquilo que já é considerado “velho”. A neopatia popularmente pode ser ilustrada pelo velho provérbio “O olho é maior do que a barriga”. Compra-se mesmo sem saber para que e por quê. Mas, a inevitável e horrível sensação de “barriga cheia” acaba por aparecer, resultando numa crise de consciência vivida pelo sujeito-consumidor que assume agora a roupagem do sujeito bonzinho que leva para a usina de reciclagem todos os produtos “velhos”, comumente chamados de LIXO.

A mídia, os livros didáticos, os projetos pedagógicos das escolas e do governo, dentre outros, percebem o lixo como *O problema* ambiental que vivemos. Michele Sato aponta que o tema mais popular na EA concentra-se na reciclagem dos resíduos sólidos, tanto no Brasil, como no cenário internacional; com a idéia central da coleta seletiva e do “jogue o lixo no lixo”. O reducionismo do problema ambiental desvencilha-o do problema social e econômico a que está atrelado. A reciclagem nada mais é que um “remedinho”, com efeito placebo, para os problemas socioambientais¹ que estamos vivendo. A EA da qual falo aqui e me posiciono, almeja mudanças que vão muito além de transformar garrafas *pet* em vassoura ou recolher *outdoor* para fazer roupas de *griffe* que serão vendidas por preços exorbitantes e que serão usadas apenas num desfile. A cura da neopatia e a busca pela percepção que a sociedade está na Fronteira do (des)humano leva a EA a transcender a idéia do lixo como foco central dos problemas socioambientais, assumindo esse momento de crise como a possibilidade de agir reflexivamente.

Olhares...

Pode-se identificar olhares diferentes sobre as concepções da EA. Um que vê os problemas ambientais relacionados exclusivamente a preservação das matas e dos bichos, outro que supervaloriza a questão do lixo, mais especificamente a reciclagem, ou ainda aquele que se volta para uma EA mais escolar dentro das disciplinas e conteúdos, abordando o que os livros didáticos e os Parâmetros Curriculares Nacionais -PCN’s- trazem como referência e penso que por fim, que não despreza os olhares anteriores, mas que vê a EA envolvida concomitantemente às questões sociais, econômicas e políticas da sociedade, tendo o ser humano como parte integrante do meio em que vive e não apenas como ser/objeto externo e destruidor deste meio.

¹Aqui utilizo a palavra socioambiental no intuito de aclarar que o social e ambiental são indissociáveis. Como diz Michele Sato, esta palavra é um pleonasma, já que não existe ambiente sem as relações sociais (SATO, 2005) Porém, opto por infringir as normas gramaticais pensando que escrevo também para leitores que ainda podem não ter se dado conta desta unicidade.

Vou me ater um pouco mais no olhar lançado à EA que trabalha de maneira reducionista a questão do lixo, pois aí serão suscitadas questões que envolverão os demais olhares sobre a EA. Torna-se urgente repensarmos as escolhas que cada um e cada uma tem tomado diante dos produtos que consome, os quais, no mundo moderno têm caracterizado a riqueza ou a pobreza. A degradação ambiental é resultado desse crescente consumo das matérias-primas, da energia e da geração de lixo, onde a ação humana não tem mostrado limites. Neste quadro, a reciclagem tem assumido importância grandiosa, como solução para os problemas da geração de dejetos, o que acaba por justificar o exagero consumista. Os processos de produção não são discutidos, nem mesmo quando se oportuniza debates sobre a cultura do desperdício. E por que será que há um abafamento dessa questão? A reciclagem como solução está atendendo a interesses de quem lucra, reduzindo os seus custos com matéria prima ao mesmo tempo que oferece o “novo” feito com o “velho”, no contexto de uma sociedade neoliberal que atende a interesses que estão camuflados na vida cotidiana. As relações de poder instauradas em cada olhar que é dado à EA tem tudo a ver com esses interesses que utilizam de diversas estratégias para que os homens e mulheres nunca se curem da Neopatia, que atinge a cada dia um número maior de pessoas.

Essa doença dos tempos modernos criada em “laboratório social²” começou ter sua fórmula desenvolvida desde o término da Segunda Guerra Mundial, quando já se percebia que produzir em grande quantidade não seria suficiente para o aumento do acúmulo de capital. Seria preciso então, produzir coisas diferentes, atrativas, de modo que o desejo das pessoas fosse instigado, pois só assim as coisas de igual utilidade seriam substituídas por outras novas. Como expressa Veiga-Neto (2000. p.195), “não basta esperar que simplesmente o mercado por si mesmo diversifique e intensifique suas demandas; é preciso que os consumidores – enquanto personagens que corporificam essas demandas – ou já estejam aí receptivos a tudo isso, ou sejam orientados para essas mudanças”.

As novas tecnologias são utilizadas nas estratégias de *marketing*, mas uma instituição bastante antiga é também utilizada nesta empreitada. A escola é apropriada como dispositivo desta sociedade destacando-se dentre os outros pela eficácia nas transformações sociais, encarregando-se de “aprisionar” os alunos e torná-los disseminadores de idéias. A identidade construída neste espaço institucional é levada e enraizada nas casas, na comunidade e por onde estes indivíduos vão passando, como se fosse uma doença altamente contagiosa que em pouco tempo se torna epidêmica. Daí a importância da escola/educação neste contexto neoliberal onde o consumismo é fator primordial para o fortalecimento dessa forma política.

A modelagem dos indivíduos se torna tarefa primeira, assumida pelo Estado em parceria com as mídias, visando levá-lo a se comportar da maneira que seja apropriada ao mundo da economia na lógica neoliberal. O discurso veiculado é que todos são livres para fazer escolhas, e que essas escolhas dependem exclusivamente da capacidade de cada um/a aprender a selecionar o que é melhor para si. Vale lembrar que lhes são oferecidos muitos estímulos e sugestões que manipulavelmente vão incidir em escolhas que atendam ao mercado consumidor. Essas vão contribuir para a formação de grupos distintos dentro da sociedade, onde o sujeito poderá transitar ou participar simultaneamente de vários grupos, caracterizando

²Utilizo a palavra laboratório pretendo designar que a doença foi criada num espaço (pré)destinado, envolto de experiências e com intencionalidade.

uma identidade instável e cambiante dentro desses grupos sociais. Ressalto, que muitos indivíduos ainda têm conseguido se manter fora dessa alienação, fato que nos leva às buscas por transformações.

Discursos...

O consumismo, visto como uma forma produtora de resíduos, que pode ser solucionada pela reciclagem, podendo esta ser entendida também como uma maneira de absolvição de culpas, o que acaba por mascarar através da simplificação do problema, toda a subjetividade que ultrapassa a questão do lixo, atingindo problemáticas muito mais abrangentes, que têm sido de maneira estratégica, discursiva ou não-discursivamente ocultadas. "Os discursos não são, em si, nem falsos nem verdadeiros, mas definem regimes de verdade que balizam e separam o verdadeiro de seu contrário; assim, os discursos não descobrem verdades, senão as inventa" (Veiga-Neto, 1995, p. 36). Essa capacidade criativa de inventar verdades, demonstra a intencionalidade da sociedade neoliberal "produzir" indivíduos que respondam às expectativas e necessidades de seu firmamento. E, são estes indivíduos que a escola vem contribuindo em "fabricar". As "verdades" construídas têm levantado muros onde estavam as fronteiras antes transitáveis, atuando como empecilho para a busca de transformações da vida para melhor.

Cabe trazer ao bojo da discussão que, relações de poder, estão estabelecidas nesse processo de modelagem de indivíduos, bem como o seu disciplinamento - ação da disciplinaridade - "vem a ser um dos procedimentos internos de controle e delimitação dos discursos e, dos procedimentos que classifica, que ordena, que distribui" (Veiga-Neto, 1995.p. 37). Através da disciplina, principalmente desenvolvida pela escola, homogênea-se o espaço social, criando uma linguagem comum a todos, diminuindo a necessidade de mecanismos de controle, agindo assim, cada vez mais sutilmente. Na lógica neoliberal é difundida a ilusão de que as decisões tomadas são realmente de cada sujeito, e não estrategicamente sujeitadas a cada um/a.

O exagerado consumismo pelo qual as pessoas são culpabilizadas, nada mais é que o resultado bem sucedido das estratégias políticas do governo. Então, culpar a sociedade por supervalorizar a reciclagem como solução para o lixo produzido, se torna mais um engano, sendo tal atitude reflexo de ações anteriores exercidas sobre os indivíduos.

Em mais uma tentativa de sucesso, o Estado tem repassado diversas de suas responsabilidades a outras instâncias sociais - associações, conselhos comunitários, organizações não-governamentais (ONGs), voluntariados civis, etc.- diminuindo dessa forma vários custos, além de disseminar seus ideais de maneira que estes outros não percebam que os discursos que adotam na verdade não são seus.

Abrindo uma dessas páginas de pesquisa na internet e buscando pela palavra lixo ou educação ambiental, diversos sites de ONGs aparecerão na primeira página; com inscrições que levam a discussão primeira deste texto, em que a EA deve ser responsável por criar pedagogias em que a população se "conscientize" que é preciso reciclar o lixo e/ou jogá-lo no lugar "certo". O lixo é vilão de toda a história e parceiro dele quem não agir "corretamente". As discussões sobre a geração e as formas de produção desse lixo são ainda prematuras. Inocentes crianças vêm sendo diariamente incentivadas pelas escolas e outras organizações a trazer de casa todo o material reciclável para que este possa se "converter" em computadores, prêmios,

comida para os “pobres”, material para usinas de catadores de papel, enfim, pelo emocional o indivíduo é chamado a participar das “campanhas”, desprezando a gama enorme de incentivos para consumir. Limpar o pátio da escola ou os arredores das comunidades são ações que corriqueiramente podemos visualizar por aí, adjetivamente ações de EA. Aclaro que estas últimas ações não são renegadas, mas critico a forma com são efetivadas, sem que o caráter dessas atividades seja avaliado e colocado em suspeição. Questionamentos devem ser levantados antes, durante e depois das diversas atividades de EA. Por que as ruas estão repletas de lixo? Por que o córrego está recebendo os esgotos de nossas casas? Por que as margens do córrego desabam quando chove? Por que muitos de nós ficamos desabrigados durante as chuvas? Por que passamos fome? Por que não temos emprego? Por que tanta violência? Por quê? Por quê? Tantas perguntas necessitando de respostas... E terá a EA resposta para elas?

A EA parte do princípio de oportunizar ações que visem a qualidade de vida no meio. As respostas para tais questionamentos devem ser buscadas pela comunidade. Ela é que os percebe como problemas. A visão de quem está de fora, é deturpada e distante. Utilizando um outro provérbio “A pimenta não dói nos olhos dos outros”. Então, a participação efetiva das comunidades, nos programas de educação ambiental é de primordial importância para a existência destes. As reivindicações coletivas tornam-se forças de resistência de peso, diante da ofuscante tentativa de individualização do mundo moderno. A sensibilização pela busca da qualidade de vida para seus pares é o passo inicial para a EA superar o reducionismo que vem sendo aplicado às suas ações, e, que vêm sendo lidas como suas.

O disciplinamento exercido pela escola tem a preocupação de controlar aqueles que não têm acesso às tecnologias de sedução do mercado. O panóptico, “[...] estrutura arquitetônica, criada principalmente para as prisões, na qual células individuais na periferia do edifício circundam uma torre central” (Foucault, 1977b, p. 177) in (Gore, 1994, p. 12) - toma nova cara nos currículos escolares, variando sua ação de acordo com seu aluno-cliente alvo. O efeito mais importante do panóptico é induzir um estado consciente e permanente de que está sendo visto, dando funcionamento automático ao poder. As táticas de controle variam de acordo com o acesso às seduções mercadológicas. Quem tem mais acesso será controlado pelas vias do mercado, quem não tem acesso, ainda precisa estar sujeitado ao controle mais tradicional. Se a escola vem preparando os alunos para a serem futuros sujeitos-clientes, competitivos e competentes para fazer escolhas de consumo, pode ela também assumir novo papel, sendo responsável pelo questionamento dessa formação. A EA vista não apenas como maquinaria para resolver problemas de lixo, vai muito além, encaminhando estes questionamentos, visto que a crise ambiental que passamos é efeito de todo um processo de construção de uma sociedade neoliberal e capitalista onde os interesses individuais esmagam os interesses coletivos, onde o meio que vivemos, bem como os homens e mulheres, servem apenas como instrumentos manipuláveis para atender o mercado. As individualidades e as características culturais dos grupos têm sido desprezadas, em favor de uma homogeneização que cria robôs com a mesma cara, para não se diferenciarem dentre os outros. A formação de grupos é uma ameaça ao poder, pois ele cria força quando tem identidade própria, tornando visível a resistência instaurada.

Educação Ambiental...

É neste viés da formação de grupo que a EA atua, buscando junto ao coletivo, extirpar a miopia que não deixa os sujeitos enxergarem a exclusão a que são submetidos cotidianamente. O discurso educacional de criar novos hábitos, valores e atitudes nas *peessoas*³ para a preservação do meio ambiente, já se torna insuficiente para atingir as expectativas de uma EA mais crítica; quando analisamos que os hábitos e valores da maioria da população foram remodelados e/ou necessariamente deixados de lado devido às circunstâncias sociais a que estão submetidos. Voltamos aos questionamentos, agora um pouco mais elaborados e sob um outro prisma. Onde vou jogar o lixo se o caminhão não passa recolhendo? Para onde encaminho o esgoto de minha casa, se não há saneamento no bairro? Vou construir minha casa longe dos córregos e barrancos escorregadios como, se não tenho outro lugar para ir? Que novos hábitos podemos trabalhar em tal contexto? Será mesmo o lixo *O problema* a ser solucionado pela EA? A menos que possamos ver este "lixo" como uma metáfora para os mais diversos problemas sociais que grande parte da população vive e luta diariamente. Como havia comentado, estamos nas fronteiras do (des)humano. Pessoas vivem em condições de degradação da vida, de extinção da dignidade e devastação do que lhe resta de humano. Como poderia eu, vir aqui discursar apenas sobre a necessidade de salvar a baleia azul⁴ e reciclar papeis de escritório, se temos pessoas que comem restos do lixo para sobreviver? Percebo uma veia que pode parecer melodramática, mas que serve para despertar para o caráter minimalista⁵ que vem sendo dado à EA. Condições dignas de existência para todas as espécies, deve sim ser a prioridade dos trabalhos. O excesso de "lixos" discursivos que insistem (sujeito nem tão oculto assim) em nos fazer acreditar em "verdades" falseadas têm a intenção de distorcer a imagem que estamos mirando, dificultando o encontro do foco, daí encontrarmos tantas roupagens para a EA.

Na busca deste foco, voltemos então à escola, que como diz Veiga-Neto (2000. p.214), "é um *lócus* privilegiado para a resistência, para o exercício de práticas de transgressão dos limites que nos são impostos pela própria *episteme* moderna". A EA não privilegia o espaço escolar como área de trabalho, porém a percebe como "útil" nesse processo de "desnaturalização" da idéia do ser humano como externo ao meio ambiente e como destruidor desta. Mudanças de comportamento são sim necessárias, mas os questionamentos sobre a origem dos problemas ambientais é que darão início a tais mudanças. A atuação das comunidades em nível local é o primeiro passo da caminhada para as discussões. Se o sujeito é capaz de enxergar e refletir sobre os problemas que vivencia, a conseqüência é a percepção de problemas mais abrangentes. Discutir as relações de poder, a exclusão e as diferenças fazem com que a prática da crítica busque transformações para a melhoria da qualidade de vida. Através da inserção dessas práticas no currículo escolar um número grande de pessoas será envolvida neste processo de transformação. A tão vislumbrada participação da comunidade na elaboração do currículo se torna imprescindível para que os programas de EA sejam efetivos, sendo o olhar de quem é parte daquele espaço, o mais "verdadeiro" que conseguiremos atingir.

³Há uma coisificação das pessoas, sendo estas passíveis de receber tudo que lhe é imposto, "seus" hábitos e "sua" cultura são desprezados, como se estes sempre fossem errados, e novos valores passam por um endeusamento que solucionará todos os problemas ambientais.

⁴Não renego a importância de salvar as espécies em extinção, mas de perceber a extinção também a que o ser humano está sendo submetido.

⁵Dizendo minimamente o que é caráter minimalista : é a redução ao que há de mais simples, podendo chegar à depreciação.

Já se faz momento de confessar que a *reciclagem do lixo* não passou de um pretexto para este texto. Nem se quer falei sobre os famosos três Rs – reduzir, reaproveitar e reciclar, que obedecem em importância a ordem que foram colocados. De acordo com as discussões anteriores, tudo nos leva a crer que foi criada a habilidade de ler em grego – da direita para a esquerda. Daí a importância da reciclagem e o cínico discurso de que a partir desta resolveremos os problemas ambientais. Ilustrando a fala, coloco uma citação de uma ONG, preservando o seu nome:

*Para auxiliar no processo de conscientização e sensibilização da comunidade escolar em relação a essa problemática, a ONG criou em 1999 o Programa de Educação Ambiental ***, com objetivo de incentivar a reciclagem do plástico por meio da implantação da coleta seletiva em escolas públicas e particulares do ABC paulista.*

São evidentes, tentativas, como a dos três Rs, dentre outras, de se abrir discussão sobre os aspectos que perpassam a questão do lixo no meio ambiente, mas também não dá pra deixar de perceber que estas são ainda muito incipientes, diante da força dos outros discursos que continuam convencendo que a melhor opção é reciclar e “jogar o lixo no lixo” sem nenhum questionamento destas ações.

Para muitos, ainda sem coragem, bem disciplinados e/ou convenientes, a Educação Ambiental realmente ainda não passa de um lixo!

Buscando concretizar a discussão...

Passo agora, com o intuito de tornar mais palpável parte da discussão anterior, a relatar os resultados de uma pesquisa que teve dois momentos distintos. O primeiro, a aplicação de questionários com questões abertas e fechadas, a professoras e professores do ensino fundamental de duas escolas públicas da periferia dos municípios de Belo Horizonte e Contagem – MG, com o objetivo de analisar como docentes percebem e trabalham as questões ambientais em especial o “lixo” na escola. Se possuem alguma formação para trabalhar com o tema ou se têm interesse e percebem a necessidade deste, no âmbito escolar. E, ainda, como estes analisam a inserção da questão ambiental como tema transversal no currículo. E o segundo momento foi a análise de como a questão ambiental é tratada pelos livros didáticos. Sinalizo que fiz um recorte dos dados que estão mais vinculados às discussões anteriores. Aclaro que na pesquisa coloco o meu olhar sobre as exigências dos PCN’s e do Plano Nacional do Livro Didático - PNLD, bem como a minha percepção de como os temas são tratados, sem querer tornar como “verdades” as discussões e questionamentos que incitei.

O Questionário

Parti do pressuposto de que os professores estavam despreparados para a empreitada de desenvolver atividades de educação ambiental, tendo em vista a ausência desta nos cursos de graduação oferecidos pelas universidades e naqueles de formação continuada para os docentes.

Com base neste pressuposto e em minha prática como educadora, elaborarei um questionário que teve duas questões que merecem destaque para essa discussão para 13 participantes. Uma pergunta se os professores já haviam participado de algum curso de capacitação ou especialização na área de meio ambiente e em

outra questão foi perguntado se sentiam capacitados para desenvolver o tema com os alunos em sala de aula. Para primeira, apenas um tinha feito curso e para minha surpresa, na segunda, 12 responderam que estavam capacitados. Então, aí cabe a pergunta: será que é possível profissionais sem nenhuma informação/capacitação mais sistematizada serem capacitados para trabalhar com clareza e propriedade um tema tão complexo, utilizando apenas os livros didáticos que são adotados pelas escolas e o que é apresentado pela mídia? Em outro questionamento quando lhes foi perguntado o que já trabalharam em sala de aula, torna-se mais evidente o despreparo para lidar com o assunto e a falta de conhecimento de conceitos básicos para o desenvolvimento de um trabalho minimamente didático.

O professor é responsabilizado por esse “despreparo”, no entanto conforme as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN e dos PCN’s estes teriam momentos para tal, inclusive através da formação em serviço.

De acordo com os questionário foi possível perceber que a problemática do lixo se restringe, de uma maneira mais geral, papéis e restos de lanche jogados pelo chão da escola e a solução didático-pedagógica utilizada normalmente é fazer com que os alunos os peguem deixando a sala de aula/escola bem “limpinha” e/ou ainda incentivam projetos de reciclagem de garrafas *pet* na maioria das vezes para serem transformadas em “brinquedinhos e adornos”, que logo serão descartados. Discussões críticas sobre a temática são incipientes. A EA é vista como atividade pedagógica que não exige nenhuma qualificação, “todos” podem ser educadores ambientais, sem nem mesmo conhecer conceitos básicos essenciais para a execução desta. Sem tal qualificação, a alternativa estaria supostamente nos livros didáticos, e, por isso, pesquisei uma amostra destes, de ciências do ensino fundamental, pois é nesta disciplina que às vezes, o tema é abordado.

Os livros didáticos

Analisei 32 livros didáticos, 4 de cada série do ensino fundamental (1ª à 8ª série), sendo pelo menos 1 de cada série anterior aos PCN’s, tornando possível observar se houve alguma alteração nos mesmos após a exigência de reformulação/adequação onde meio ambiente deveria aparecer como um tema transversal. Faço uma classificação para os livros, remetendo meu olhar sobre as abordagens que fazem do Meio Ambiente. É preciso “desnaturalizar” a idéia do homem como destruidor da natureza e o reducionismo da EA como salvação das matas e bichos e da reciclagem de lixo.

Utilizo as seguintes denominações para classificar os livros:

- 1.** abordam o tema adequadamente
- 2.** abordam o tema inadequadamente
- 3.** abordam o tema apenas como “mata e bicho”
- 4.** não abordam o tema

Tratamento do tema Lixo nos livros didáticos

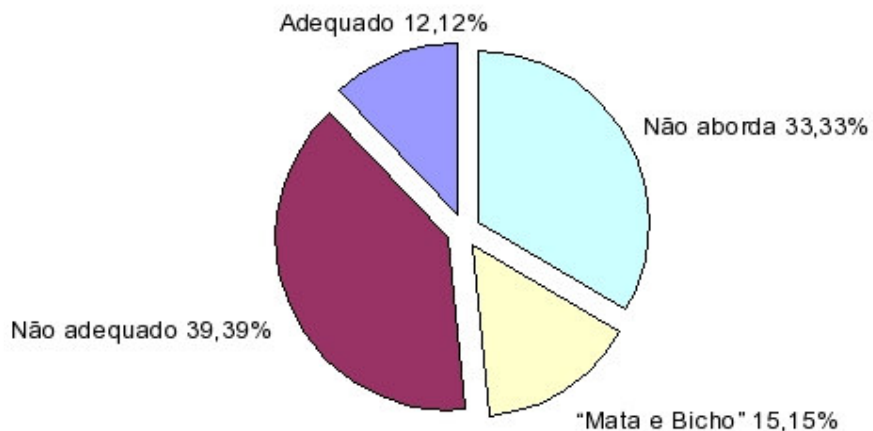


Figura 1: Gráfico de pizza referente ao tratamento do tema Lixo nos livros didáticos

Percebi que os livros pesquisados ignoram as propostas e exigências do PCN's e do PNDL deturpando conceitos, se não, passando conceitos errôneos sobre a questão ambiental e principalmente sobre lixo. Como se pode ver na Figura 1, os livros didáticos que abordam a temática meio ambiente "adequadamente" é em número mais reduzido que todos os outros.

Não há, na maioria, adequação para a suposta revisão exigida pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC, para que os livros fossem adequados aos PCN's. Os livros utilizados nas escolas receberam um carimbo de revisados de acordo com o PDLE e aprovados pela Metodologia do Ensino de Ciências. Muitos destes foram apenas reeditados ou simplesmente agregaram conteúdos/textos para "dizer" que a adaptação aconteceu. É o caso dos livros de BARROS e PAULINO (2002a-d) que apresentam uma grande quantidade de conteúdo que parece não condizente com a idade dos meninos e meninas que o utilizarão, e, ainda os textos que abordam a questão ambiental são "soltos" no decorrer do livro, dando a sensação de uma "tentativa" de adaptação, mas sem muito trabalho. Em alguns momentos os textos que aparecem estão dissociados do restante do conteúdo do capítulo em que está inserido. Em outros, como é o caso de *Entendendo a Natureza* - 8ª série (Silva Júnior, 1999) e *Vivendo Ciências* - 7ª série (Costa, 1999) não trabalham em nenhum momento sobre "meio ambiente" e mesmo assim recebem a aprovação do MEC, o segundo, ainda tem em sua capa a seguinte subscrição: "de acordo com os PCN's". Outro fator que vale ressaltar é que dos livros analisados da 7ª e 8ª série do ensino fundamental apenas o livro '*Ciências e Corpo Humano*' aborda a questão ambiental e nos demais o estudo do corpo humano é o foco, desprezando totalmente o meio ambiente como um tema transversal conforme sugestão dos PCN's.

De acordo com a amostragem dos livros didáticos, concluí que os mesmos deixam muito a desejar quanto ao tratamento das questões ambientais. De acordo com os dados coletados é evidente que o cumprimento da legislação é ignorado, onde 75% do total dos livros analisados, foram tidos como ineficientes para

abordar a problemática “meio ambiente/educação ambiental”. Curiosamente os livros de ciências, antes dos PCN’s abordavam com mais freqüência a questão ambiental.

Os PCN’s viraram não mais que adornos para as bibliotecas das escolas e muito provavelmente para a biblioteca do MEC, pois há legislação que não é obrigatória para todos. As leis do mercado continuam a imperar. Daí voltarmos a questionar as intencionalidades desse discurso de inserção da EA nos currículos escolares em contrapartida ao atendimento dos interesses das gráficas que produzem os livros. Sairia muito oneroso fazer todas as adaptações necessárias, mas nada que um carimbo de aprovado não resolva! Carimbo que tem a intenção de silenciar vozes que clamam por mudanças. Os livros didáticos que são vistos pelos professores como aparato teórico, não respondem às necessidades destes e nem da EA. Constatação do uso/abuso da escola como espaço onde rapidamente idéias são disseminadas.

Em análise, depois deste texto e da materialização do discurso que antes discutíamos através desta pesquisa poderia então questionar: A escola está e sempre estará fadada as normatizações do Estado atendendo somente a interesses do mercado neoliberal e capitalista? Certamente o tempo verbal no presente e no futuro me faria assumir um pensamento pessimista e me levaria a deixar de ser educadora. No entanto, continuo acreditando que a capacidade da escola “fabricar” indivíduos que atendam aos interesses citados, pode e deve ser convertida em um espaço aberto aos questionamentos, críticas, reflexões e ações que acatem as necessidades da comunidade a que ela atende. A participação dessa comunidade na tomada de decisões é que vai incidir na elaboração de propostas pedagógicas que farão da escola um instrumento que visa melhorar a qualidade de vida. Termino este texto com as palavras de Jennifer Gore (1994, p.15) falando sobre a capacidade de reação que também a escola pode assumir:

O discurso é ambíguo... uma forma de poder que circula no campo social e pode ligar-se tanto a estratégias de dominação quanto a estratégias de resistência. Sem ser intimamente uma fonte de dominação nem resistência, a pedagogia não está também fora do poder nem inteiramente circunscrita por ele. Em vez disso, é ela própria uma arena de luta (grifo meu). Não existem práticas pedagógicas inerentemente libertadoras ou inerentemente repressivas, pois qualquer prática é cooptável e qualquer prática é capaz de tornar-se uma fonte de resistência. Afinal, se as relações de poder são dispersas e fragmentadas ao longo do campo social, assim também o deve ser a resistência ao poder.

Referências

- BARROS, C. e PAULINO, W. R. 2002a. *Ciências: o meio ambiente – 5ª série*. São Paulo, Ática, 288 p.
- BARROS, C. e PAULINO, W. R. 2002b. *Ciências: o meio ambiente – 6ª série*. São Paulo, Ática, 304 p.
- BARROS, C. e PAULINO, W. R. 2002c. *Ciências: o meio ambiente – 7ª série*. São Paulo, Ática, 256 p.
- BARROS, C. e PAULINO, W. R. 2002d. *Ciências: física e química – 8ª série*. São Paulo, Ática, 328 p.
- BAUMAN, Z. 2000. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 114-156
- COSTA, M. L. M. e SANTOS, M. T. 1999. *Vivendo Ciências – 7ª série*. São Paulo, FTD, 232 p.

- GORE, J. M. 1994. Foucault e educação: fascinantes desafios. *In*: T. T. da. SILVA *O sujeito da educação*. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, p. 9-20.
- SATO. M. *Identidades da Educação Ambiental como rebeldia contra a hegemonia do desenvolvimento sustentável*. Acessado em 3 de maio de 2005, disponível em <http://www.rebea.org.br/vnoticias.php?cod=887>
- SILVA JÚNIOR, C. 1999. *Ciências: entendendo a natureza: o mundo em que vivemos: 5ª série*. São Paulo, Saraiva, 234 p.
- VEIGA-NETO, A. J. da. 1995. Michel Foucault e educação: há algo sob o sol. *In*: A. J. da. VEIGA-NETO (org.), *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre, Sulina, p. 9-56.
- VEIGA-NETO, A. J. da. 2000. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. *In*: G. CASTELO BRANCO e V. POTOARRERO *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro, Nau, p. 179-217